

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Panará 84Data: 31/12/72 Pg.: 27

Prazo termina, sem os gigantes

Da Sucursal de Brasília

No início de dezembro, durante a cerimônia do encontro das estradas Brasília-Manaus e a Cuiabá-Santarém, Orlando Villas Boas e seu irmão Claudlio garantiram que até o final do ano os índios kranhacãores já estariam em contato com o branco, tornando mais tranquilo o trabalho dos homens que abrem a rodovia Cuiabá-Santarém.

No entanto, os últimos dias de 72 estão chegando sem notícias do contato. Os trabalhos de atração, segundo a Funai, seguem o seu curso normal, enquanto Orlando Villas Boas se desloca para diversos pontos do País, parainfando turmas de formandos e resolvendo problemas relacionados com o apoio logístico à sua expedição.

Apesar de não ter havido o contato com os índios gigantes, não se pode falar ainda no insucesso da expedição, bastando para isso lembrar que a atração dos xavantes demorou seis anos e os cintas-largas, só após dois anos de trabalho aceitaram a presença do branco em seu território, mesmo assim com muita reserva.

O trabalho com os kranhacãores é muito recente. Há menos de um ano, Orlando e Clau-

dio, acompanhados por mais de trinta índios aculturados do Parque Nacional do Xingu, se deslocaram para a base de Cachimbo. A Cuiabá-Santarém já se aproximava do território dos temidos índios gigantes, que em 1936 mataram o pesquisador inglês Richard Mason, espalhando medo por toda a região da serra do Cachimbo. Sobre estes índios, o sertanista Francisco Meirelles conta uma triste história. Há alguns anos, um grupo deles, espontaneamente se aproximou da base de Cachimbo procurando o contato com o branco. As poucas pessoas que se encontravam na base se apavoraram, e um piloto, pensando tratar-se de um ataque, levantou vôo em um avião e passou a dar razantes sobre os kranhacãores que fugiram assustados para o mato

e não apareceram mais para o homem branco.

ISOLAMENTO

Por habitarem uma região pouco explorada, os kranhacãores viveram até agora praticamente isolados da civilização. Alguns grupos, inclusive, viviam até algum tempo às margens do rio Iriri, que é considerado o maior rio desconhecido do mundo. Este rio, por sua fauna e flora exuberantes, despertou o interesse da revista National Geographical Magazine, que patrocinou a vinda do pesquisador inglês Richard Mason ao Brasil. Ele, no entanto, não teve sorte, e poucos meses após iniciar seu trabalho na região de influência do Iriri, foi morto a flechadas pelos índios.

Antes dos Villas Boas, outros sertanistas, como Antonio Cotrim Neto, demitido recentemente da Funai, Apoena e Francisco Meirelles estiveram no território dos índios gigantes, não conseguindo manter qualquer contato.

No início do ano, a Funai organizou a expedição chefiada por Orlando e Claudio Villas Boas. Para os velhos sertanistas, esta seria uma missão como tantas outras que já realizaram no parque do Xingu. Para a Funai, existia uma grande preocupação: conseguir que

os sertanistas chegassem aos índios antes da estrada, que estava sendo aberta pelos soldados do 9.º BEC.

Esta expedição, desde o seu início, despertou mais atenção do que as outras, igualmente importantes que a Funai mantém na rota das rodovias de integração nacional por dois motivos: a chefia estava entregue aos irmãos Villas Boas e, além disso, corria a notícia de que os Kranhacãores eram índios gigantes, todos eles com mais de dois metros de altura.

DIVULGAÇÃO

Orlando e Claudio iniciaram seu trabalho cercados de muita divulgação e levando um grupo grande de expedicionários. Este excesso de pessoas chegou a ser criticado por alguns técnicos indigenistas, que argumentavam ser muito difícil adquirir a confiança dos índios com tantos elementos. Mas um fato é certo: este método foi sempre usado com sucesso pelas sertanistas no seu trabalho junto aos índios do Xingu, assim como Francisco Meirelles, também sempre conseguiu êxito na atração de índios, usando poucos elementos em seu grupo de sertanistas. Técnicas bastantes divergentes com resultados idênticos.

Durante este ano, a contatção seguiu o seu curso normal.

Inicialmente os kranhacãores fugiram da expedição, queimando sucessivamente seus aldeamentos quando percebiam a chegada dos brancos. Depois, passaram a aceitar os presentes deixados pelos sertanistas e, segundo afirmou Orlando no início do mês em Cachimbo, eles já deixaram presentes em retribuição, o que significa uma boa disposição para o contato.

A partir dessa época, os kranhacãores não voltaram a aparecer para a expedição, mas continuam a aceitar os presentes e não abandonaram mais seu aldeamento. Estes sintomas, aliados ao fato de que, com a cheia do rio Peixoto de Azevedo, os índios ficarão praticamente à mercê do branco, levam os sertanistas a acreditar que o contato será feito muito brevemente. Já a Funai, acredita que ele só será possível caso os Villas Boas, ao invés de esperarem a chegada espontânea dos índios, mudem a tática de atração, procurando se aproximar dos índios.

Enquanto continuam as discussões e especulações, sobre a data exata do contato, uma opinião sabia foi emitida pelo velho sertanista Francisco Meirelles: "É muito difícil se saber o que passa dentro da cabeça de um índio".